

LANÇAS E ENXADAS

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



*22 de Abril
Dia da Terra*

Uma lenda conta que havia, dantes, dois povos vizinhos e inimigos. Uns eram romanos, outros, sabinos. Por tudo e por nada levantavam os estandartes da guerra. Por tudo e por nada desbaratavam-se uns aos outros.

Nos dois territórios próximos, o número de órfãos e de viúvas aumentava, assustadoramente. Não havia família que não estivesse de luto.

Nesse tempo, os guerreiros iam de peito feito para as batalhas. Não usavam capacetes nem couraças. A única protecção de que se serviam era um escudo redondo, como uma casca de tartaruga.

Com o escudo preso a um dos braços defendiam-se. Com a lança brandida pelo outro braço atacavam. As lutas corpo a corpo eram terríveis. Ou morrer ou matar.

As mulheres de um e do outro campo andavam aterrorizadas.

– Quando terminar esta mortandade só estaremos nós, vestidas de negro, umas diante das outras, a chorar os nossos maridos – dizia uma delas, de nome Hersélia. – Os nossos filhos não chegarão a conhecer os pais e não sobrá nenhum homem que lhes ensine as astúcias da caça, os gestos da sementeira, as regras do cultivo, o gosto do trabalho. Vamos recuar ao tempo em que estava tudo por aprender, os campos por lavrar, os animais por sujeitar. Vamos ser muito infelizes.

Isto dizia Hersélia. As outras mulheres, sabinas ou romanas, concordavam. Elas juntavam-se à beira rio, cada qual na sua margem, para trocarem queixumes.

– Se lhes disséssemos para pararem a guerra? – lembrou uma delas, romana ou sabina, não interessa.

– Estão tão loucos que a nossa voz não consegue romper o delírio deles. Não ouvem senão o entrecocar das armas e os gritos da cólera e do ódio – disse outra mulher, talvez sabina, talvez romana.

Então Hersélia lançou para o meio da assembleia de mulheres esta proposta:

– Se não queremos perder os nossos filhos e maridos, temos de nos armar com toda a nossa coragem. Cobertas com os nossos mantos de luto, de cabelos caídos e com nossos filhos pequenos pela mão, corramos para o campo de batalha. Atiremos os nossos corpos indefesos para o centro da luta e, com uma única voz, gritemos, imploremos aos combatentes que larguem as armas.

Assim fizeram. Um enxame de mulheres de negro, com crianças ao colo, lançou-se entre os contendores. Eram

sabinas. Eram romanas. Eram mulheres desesperadas.

– Parai, parai de lutar – gritavam.

Gritavam e choravam e suplicavam. Eram muitas.

Caíram os braços que seguravam as lanças. Resvalavam dos braços os escudos. Os maridos procuraram as mulheres. Os pais, os filhos.

Ainda se levantou uma voz de rudeza, a protestar contra aquela intromissão, tão fora dos hábitos da guerra:

– Não queremos mulheres aqui. Os combates têm de continuar.

Ninguém ligou. A tal voz agreste também não insistiu.

E fez-se a paz.

Conta-se que os escudos redondos dos antigos guerreiros, de feitio de conchas, passaram, depois, a servir de berços para as crianças que nasceram, depois de a guerra ter terminado.

Com os paus das lanças fizeram cabos de enxadas.

FIM

